

7º Domingo da Páscoa

1ª leitura (Antigo Testamento) – Êxodo 28: 1-4, 9-10, 29-30.

Esse texto se encontra dentro da chamada "Grande Parada do Sinai", que começa em Êxodo 19:1 e termina em Números 10:10. Este é um conjunto de Leis com ênfase sacerdotal mas que inclui alguns costumes tribais que passaram a ser leis no decorrer do tempo. No Pentateuco todas as leis, mesmo posteriores, são atribuídas a Moisés como personalidade símbolo da identidade nacional e religiosa israelita.

Êxodo 28:1-4 trata da vestes sacerdotais. O peitoral, como se esclarece em 28:15 e 29, simboliza o "juízo" (como o "juiz" - "*shofat*"). O "*efod*" (que Almeida chama de "estola") era uma peça usada por sacerdotes cananeus bem antes de existir o sacerdócio israelita (Jz 8:26s). Segundo se relata no livro de Samuel existiram dois tipos de "*efod*": um usado no corpo como símbolo de consagração a Deus (daí "estola") e outro levado para o altar onde ficavam instrumentos de culto como as pedras de juízo de ônix (com o nome de um sacerdote designado para cada uma das 12 tribos) e as pedras da "sorte" ou "Urim" e o "Tumim" (Êx 28:9-10,29-30 e 1 Sm 2:18.28). O "manto", conforme a descrição de Êx 28:32 e 39:23, seria semelhante a uma "casula" (usada no ministério presbiteral e episcopal na presidência da Eucaristia). O manto era um forma de proteção sacerdotal diante do SENHOR, evitando assim a morte ao se encontrar com Deus (para isso eram costuradas campainhas de ouro na sua orla; Êx 28:33-35). Samuel (1 Sm 28:14) usava o "manto" ao ar livre como sinal de consagração a Deus. Em Êx 39:22 é chamado de "manto do *efod*" mostrando a interdependência entre ambos como símbolos de consagração. A "túnica" parecia ser uma veste comum, usada por homens e mulheres (cf. 2 Sm 13:18) sendo que algumas se destacavam pelos seus belos bordados como a túnica de José (Gn 37:3,23,31-33). Em Lv 16:4 se diferencia essa túnica sacerdotal das outras chamando-a de "túnica de linho sagrada" ("separada" para o serviço divino). O "*mitzenefet*" era uma "faixa" ou "turbante" e era usado por reis e sacerdotes. É um sinal da autoridade dada por Deus aos seus ministros (é interessante que a "mitra", como traduz Almeida, vincula a autoridade à inspiração do Espírito Santo). Finalmente o "cinto". A palavra usada para "cinto" ("*abenet*") só aparece em textos sacerdotais sem maiores explicações (cf. Êx 29:9 e Lv 8:13), no entanto o sinônimo usado por em Isaías 11:5 permite entender que o sentido do cinto era ser símbolo de justiça e fidelidade.

Na Igreja Anglicana, assim com outras igrejas cristãs, são usadas vestes sacerdotais, mas nem sempre meditamos sobre a responsabilidade assumida diante de Deus e diante do povo ao usá-las. Ao usar a vestes deveria se pensar na defesa da justiça, no serviço, na consagração a Deus, na fidelidade a Cristo e na autoridade do Espírito Santo entre outras. Lembremo-nos do dito popular: "o hábito não faz o monge". (HMG)

2ª leitura – Atos 1.15-26

O relato se refere ao período entre a Ascensão e Pentecostes. (1) Cerca de 120 pessoas estão reunidas. (2) Pedro fala sobre a importância de preencher a

lacuna dos Doze, deixada com a traição e morte de Judas. (3) Os candidatos devem ter qualificação. Que qualificação? A qualificação fundamental é também o fundamento de todos os aspectos da vida da Igreja: o testemunho do que aconteceu a Jesus desde o seu Batismo até a sua ressurreição. Com essa qualificação havia mais do que dois candidatos, mas dois foram apresentados. (4) O povo reunido participa da eleição sob a orientação do Espírito Santo.

Qual é o sentido de 120 pessoas? Uns entenderam como magna assembléia. Outros viram nessa assembléia reunida o povo que Deus reuniu de várias localidades, onde ficou em exílio. (ver Ez 34.13; 36.24; Is 60.4; Jr 31.8; Ez 39.27ss). Dizem, também, os entendidos que a linguagem vazada na tradição do Antigo Testamento lembra seus leitores do início da estória bíblica.

A traição foi um choque muito grande para os primeiros cristãos. Eles buscaram na tradição em que eles se situavam alguma pista para entender o caso Judas. É nesse sentido que temos de entender o uso do Antigo Testamento para explicar o destino de Judas.

Para nós, que vivemos em nosso lugar e em nosso tempo, com quatro Evangelhos devemos nos identificar com esse período de preparo para a Missão. Se lermos o Evangelho de Marcos, todos abandonaram a Jesus e concordaram com a omissão na crucificação de Jesus. Qual é a diferença entre os nossos ancestrais da fé com Judas? Após a ressurreição os que fugiram foram reunidos na assembléia. A base da Igreja é esse mistério da graça de Deus. Essa graça se expressou em perdão antes que a buscase. (Nenhum emissário foi enviado a Jesus ressuscitado para pedir paz.) Foi, também, julgamento nesse sentido. Na linguagem do apóstolo Paulo em Romanos: "ninguém se vanglorie. Se se quiser vangloriar, então, só se vanglorie na Cruz de Jesus Cristo". E Judas a si mesmo julgou e se condenou. Não permitiu que a palavra final de perdão fosse do Senhor. A grande diferença está aí. (ST)

Santo Evangelho - João 17: 11-19

Hoje (01/06/2003) todos comemoramos o 1º culto oficial da Igreja Anglicana em terras brasileiras. Desde aquele dia até hoje muita coisa mudou. Esta igreja cresceu, ficou mais forte, espalhou-se por todo território nacional, cometeu erros e acertos, mas, em maior ou menor grau, procurou fazer a vontade de Jesus.

Não existe momento mais adequado para se expressar os verdadeiros desejos do coração, os mais íntimos reclamos de uma alma, do que o momento de oração. Lá, onde somente você e Deus estão presentes, tudo pode ser dito, todos os desejos podem ser expostos, toda nossa alma pode se rasgar.

No texto do Evangelho de hoje Jesus abre seu coração em uma oração e revela seus mais íntimos temores com respeito à sua igreja. Nesta oração nosso Senhor apresenta alguns pedidos que ainda hoje precisam ser lembrados e buscados. A oração de Jesus deve significar para todos nós, nosso desejo, nosso alvo, nosso programa de vida. É pensando nisso que propomos falar hoje sobre o seguinte tema: *O desejo de Jesus para nossa igreja*.

No texto do Evangelho lido hoje encontramos, pelo menos, três grandes desejos de Jesus com respeito à nossa igreja:

Em primeiro lugar Jesus deseja *unidade* (v.11). Ao orar pela igreja, Jesus tinha diante de si, em primeiro plano, os próprios discípulos e só depois vislumbrava a igreja militante. Lendo as escrituras descobrimos que cada discípulo era diferente dos outros. Cada um possuía suas próprias qualidades e defeitos. Cada qual agia e se comportava conforme suas características pessoais. Enquanto João era mais calmo, mais tranqüilo, mais intimista e mais amoroso, Pedro era mais agitado, voluntarioso, precipitado e transparente. Isto não significa que um era melhor ou pior que o outro; significa apenas que eles eram diferentes. O mesmo podemos dizer da igreja em nossos dias. Ela é diversa, mas é una; ela é cheia de defeitos, mas é também santa; ela está restrita à uma dimensão histórica, temporal e geográfica, mas também é católica; ela está intimamente relacionada a nomes importantes e a personagens significativos de sua história, mas é também apostólica. Uma organização não pode ser igreja sem ter como marca a "unidade". A busca pela unidade deve ser um desejo tão forte em nossos corações quanto foi no coração de Jesus.

Em segundo lugar Jesus deseja *proteção* (v.12). Jesus, que no início de seu ministério terrestre foi tentado pelo maligno, ora para que as mesmas tentações não destruam a sua igreja. E, da mesma forma que ocorreu com Jesus no deserto, a maior tentação tem a ver com sua relação com o mundo. "Eles não pertencem ao mundo assim como eu também não pertencço" (v.16). Nossa fidelidade não está neste *eon*, mas em uma outra realidade que transcende a este mundo e se funda em outra realidade. A igreja de Jesus não está preocupada se vai agradar ou desagradar o "consenso da sociedade" com seu discurso, ela tem um compromisso com Deus e este compromisso a impele a confrontar o mundo e a ser, muitas vezes, perseguida por ele. Nosso compromisso é com o Reino de Deus e com seus valores. Jesus, por natureza não pertencia a este mundo. Os discípulos, em função da nova natureza espiritual também não pertencem mais; exceto o "filho da perdição" (v.12). Os filhos de Deus têm sido providencialmente protegidos e guardados nos momentos mais duros da história. Quando a igreja parecia sucumbir às inovações e ao erro humano, Deus levanta pessoas que, qual profetas, agem como sinais para uma vida mais santa e pia.

Em terceiro lugar Jesus deseja *integridade* (v. 17). Quando se leva a sério o compromisso com a verdade e se está na mira da crítica e do julgamento da sociedade, muitas vezes somos tentados a "fazer coro" com a maioria; somos tentados a participar do "estado de coisas" e a abandonar o discurso dos valores do Reino substituindo-o pelo discurso da "vanguarda" ou pelo discurso da "tradição" de uma sociedade equivocada. Nosso compromisso nem é com a "tradição e os bons costumes" nem com a "vanguarda" intelectual da humanidade. É preciso evitar tanto os erros provenientes da prevenção como os da precipitação. Nosso compromisso maior é com a Palavra de Deus que nos santifica.

Depois de 113 anos no Brasil nossa igreja precisa passar por auto-exame. Não apenas as suas bases paroquiais, mas também sua direção provincial precisa se perguntar se está, ou não, buscando cumprir este desejo de Jesus. Temos buscado e vivido este compromisso com a unidade, com a verdade e com a integridade? (JLFA)